

**A INVISIBILIDADE DAS PESSOAS COM ALTAS
HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO E O DESAFIO DA INCLUSÃO**

**THE INVISIBILITY OF PEOPLE WITH HIGH ABILITIES AND THE
CHALLENGE OF INCLUSION**

Débora Thalita Santos do Amor Divino¹

Thelma Helena Costa Chahini²

Esta pesquisa foi realizada com o apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA), mediante bolsa de mestrado.

This research was carried out with the financial support of the Maranhão Research and Scientific and Technological Development Foundation (FAPEMA), through a master's degree scholarship.

¹ Mestre em Cultura e Sociedade (PGCult/UFMA); Graduada em Letras/Espanhol (UFMA); Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Especial e Inclusão (GEPEEI). E-mail: deborathalita2011@hotmail.com.

²Doutora em Educação com Pós-Doutorado em Educação Especial. E-mail: thelmachahini@hotmail.com.

RESUMO

Este artigo aborda mudanças nas percepções das altas habilidades/superdotação ao longo dos anos, evidenciando o aspecto social da definição do potencial superior como fator responsável pela forma que a identificação, o desenvolvimento e a inclusão de pessoas talentosas ocorrem em cada cultura e tempo. Desse modo, percebe-se na atualidade significativo desperdício de talentos no Brasil, mesmo com boas propostas em relação a identificação e desenvolvimento dos talentosos no país, os instrumentos e ações ainda são incipientes, de forma que ainda há grande dificuldade em identificar, desenvolver e assegurar a permanência em território nacional das pessoas superdotadas. No atual contexto, questionou-se como a falta de conhecimento acerca das altas habilidades/superdotação colabora para a formação de percepções equivocadas sobre essas pessoas, para a invisibilidade desse público e interfere no seu processo de inclusão? Ambicionou-se, então, investigar as percepções acerca das altas habilidades/superdotação de um grupo de docentes em potencial e a partir disso, analisar como essas diferentes perspectivas refletem a ausência ou não de conhecimento sobre a temática e se isso colabora ou não com a invisibilidade e a inclusão dessas pessoas nos espaços educacionais, sociais e profissionais. Para tal, realizou-se uma pesquisa exploratória, descritiva com abordagem qualitativa, na qual participaram vinte discentes de um programa de pós-graduação (mestrado interdisciplinar) mediante entrevista que evidenciou a percepção que esses docentes têm acerca das pessoas com habilidades cognitivas acima da média. A análise dos dados deu-se por meio de leitura crítica, caracterizada pela descrição qualitativa. Os dados demonstram ausência de conhecimento adequado sobre a temática, necessidade e urgência de obter informações/conhecimento para que o direito de todos seja respeitado e como a produção do conhecimento se torna ainda mais significativa tendo em vista a potencialização que cada pessoa com altas habilidades/superdotação pode realizar em sociedade.

Palavras-chave: Altas habilidades intelectuais. Percepções docentes. Educação de nível superior. Educação inclusiva.

ABSTRACT

This article discusses changes in perceptions of high abilities over the years, highlighting the social aspect of the definition of superior potential as a factor responsible for the way in which the identification, development and inclusion of talented people occurs in each culture and time. Thus, there is currently a significant waste of talent in Brazil, even with good proposals for identifying and developing the gifted in the country, the instruments and actions are still incipient, so that there is still great difficulty in identifying, developing and ensuring that gifted people remain in the country. In the current context, the question arises as to how the lack of knowledge about high abilities/high giftedness contributes to the formation of mistaken perceptions about these people, to the invisibility of this public and interferes with their inclusion process. The aim was to investigate the perceptions of a group of potential teachers about high abilities and giftedness and, based on this, to analyze how these different perspectives reflect the absence or not of knowledge about the subject and whether or not this contributes to the invisibility and inclusion of these people in educational, social and professional spaces. To this end, we carried out an exploratory, descriptive study with a qualitative approach, in which twenty students from a postgraduate program (interdisciplinary master's degree) took part in an interview that revealed the perception that these teachers have of people with above-average cognitive abilities. The data was analyzed through critical reading, characterized by qualitative description. The data shows a lack of adequate knowledge on the subject, the need and urgency to obtain information/knowledge so that everyone's right is respected and how the production of knowledge becomes even more significant in view of the potential that each person with high abilities/giftedness can achieve in society.

Keywords: High intellectual abilities. Teachers' perceptions. Higher education. Inclusive education.

LA INVISIBILIDAD DE LAS PERSONAS CON ALTAS CAPACIDADES/SUPERDOTACIÓN Y EL DESAFÍO DE LA INCLUSIÓN

RESUMEN

Este artículo aborda los cambios en las percepciones de las altas capacidades / superdotación a lo largo de los años, evidenciando el aspecto social de la definición del potencial superior como factor responsable por la forma que la identificación, el desarrollo y la inclusión de personas talentosas tiene lugar en todas las culturas y tiempos. De este modo, se percibe hoy un desperdicio significativo de talentos en Brasil, aunque con buenas propuestas en relación a la identificación y desarrollo de los talentosos en el país, los instrumentos y acciones son todavía incipientes, por lo que aún hay grandes dificultades para identificar, desarrollar y asegurar la permanencia en territorio nacional de las personas superdotadas. En el contexto actual, se cuestionó ¿cómo la falta de conocimiento sobre altas capacidades/superdotación contribuye para la formación de percepciones erróneas sobre estas personas, a la invisibilidad de este público e interfiere en su proceso de inclusión? El objetivo fue investigar las percepciones sobre las altas capacidades/superdotación de un grupo de maestros potenciales y a partir de esto, analizar cómo estas diferentes perspectivas reflejan la ausencia o no de conocimiento sobre el tema y si esto contribuye o no a la invisibilidad e inclusión de estas personas en espacios educativos, sociales y profesionales. Para ello, se realizó una investigación exploratoria, descriptiva con enfoque cualitativo, en la que participaron veinte estudiantes de un programa de posgrado (máster interdisciplinario) a través de una entrevista que evidenció la percepción que estos profesores tienen sobre las personas con capacidades cognitivas superiores a la media. El análisis de los datos se realizó a través de la lectura crítica, caracterizada por la descripción cualitativa. Los datos demuestran una falta de conocimiento adecuado sobre el tema, la necesidad y urgencia de obtener información/conocimiento para que se respete el derecho de todos y cómo la producción de conocimiento se vuelve aún más significativa en vista de la potencialización que cada persona con altas capacidades / superdotación puede desempeñarse en la sociedad.

Palabras-clave: Altas capacidades intelectuales. Percepciones de los docentes. Enseñanza superior. Educación inclusiva.

L'INVISIBILITÉ DES PERSONNES À HAUT POTENTIEL INTELLECTUEL /SURDOUÉES ET LE DÉFI DE L'INTÉGRATION

RÉSUMÉ

Cet article aborde les changements dans les perceptions des hauts potentiels intellectuels au fil des années, mettant en évidence l'aspect social de la définition du potentiel supérieur en tant que facteur responsable de la manière dont l'identification, le développement et l'inclusion des personnes talentueuses se produisent dans chaque culture et à chaque époque. Ainsi, on constate actuellement un gaspillage significatif de talents au Brésil, même avec de bonnes propositions concernant l'identification et le développement des talents dans le pays, les instruments et les actions restent encore rudimentaires, de sorte qu'il y a encore de grandes difficultés à identifier, à développer et à assurer la permanence sur le territoire national des personnes surdouées. Dans le contexte actuel, on s'est demandé comment le manque de connaissance sur les hauts potentiels intellectuels /surdouance contribue à la formation de perceptions erronées sur ces personnes, à leur invisibilité auprès du public et intervient dans son processus d'inclusion ? On a donc cherché à enquêter sur les perceptions des hauts potentiels intellectuels/surdouance d'un groupe d'enseignants potentiels et, à partir de là, à analyser comment ces différentes perspectives reflètent la présence ou non de connaissances sur le sujet et si cela contribue ou non à l'invisibilité et à l'inclusion de ces personnes dans les espaces éducatifs, sociaux et professionnels. À cette fin, une recherche exploratoire et descriptive avec une approche qualitative a été menée, à laquelle ont participé vingt étudiants d'un programme de troisième cycle (master interdisciplinaire) par le biais d'entretiens qui ont mis en lumière la perception que ces enseignants ont des personnes ayant des compétences cognitives supérieures à la moyenne. L'analyse des données a été réalisée par le biais d'une lecture critique, caractérisée par une description qualitative. Les données montrent un manque de connaissance appropriée sur le sujet, ainsi que la nécessité et l'urgence d'obtenir des informations/connaissances pour que le droit de tous soit respecté et comment la production de connaissances devient encore plus significative compte tenu de la potentialisation que chaque personne avec haut potentiel intellectuel/surdouance peut apporter à la société.

Mots-clés: Hauts potentiels intellectuels. Perceptions des enseignants. Enseignement supérieur. Éducation inclusive.

INTRODUÇÃO

O potencial cognitivo acima da média, ao longo da história humana, tem despertado grande fascínio nas mais diferentes sociedades, tendo em vista que o produto desse potencial beneficia a humanidade como um todo ou o contexto social mais próximo da pessoa talentosa. Mas também, desperta dúvida e temor quanto ao reconhecimento dos méritos desses indivíduos, tornando a possibilidade de aceitação e confiança um pouco menor que o temor diante de tal capacidade e habilidade cognitiva, aparentemente, “incontrolável”.

Paludo et al. (2014) explicam esses sentimentos ambíguos a partir da relação de amor-ódio típica da sociedade ao perceber algo “fora do padrão”. Ou seja, o amor-ódio é um continuum na aceitação/rejeição social de todos os que não conseguem se enquadrar no padrão “normal” em algum aspecto ou área da vida social.

Nesse sentido, pesquisas mais recentes têm revelado o alto índice de desperdício de talentos no Brasil (Costa & Martino, 2013; Costa et al., 2016; Oshima, 2017; Roitman, 2017). Mesmo com boas propostas em relação a identificação e o desenvolvimento dos talentosos no país, os instrumentos e ações ainda são incipientes, de forma que há uma significativa dificuldade em identificar, desenvolver e assegurar a permanência em território nacional de pessoas superdotadas.

Esse contexto de invisibilidade de pessoas com potencial acima da média é ratificado pela Organização Mundial da Saúde (OMS), ao estimar que cerca de 3% a 5% da população mundial são de pessoas superdotadas nos ambientes acadêmicos (Virgolim, 2019). Caso, seja considerado as outras dimensões das altas habilidades/superdotação, pode-se estimar que cerca de 10% da população mundial possui um potencial acima da média, embora a maioria esteja parcialmente ou completamente invisível (Oshima, 2017).

Ao refletir sobre isso em território nacional, que em média possui 214,3 milhões de brasileiros, questiona-se onde estão os cerca de 13 milhões de brasileiros superdotados? Fato ainda mais atenuante ao ser confrontado com o último Censo da Educação Superior (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira [INEP], 2022) cujo registro das matrículas do público-alvo da educação especial nos cursos de graduação, identifica apenas 2.146 universitários com altas habilidades/superdotação matriculados no ensino superior.

Alencar e Fleith (2006) destacam fatores que contribuem para o quadro de invisibilidade das altas habilidades intelectuais, como a negligência e pouca compreensão a respeito da

temática, tendo em vista a fundamentação em crenças falsas sobre a realidade das altas habilidades/superdotação, o que ainda colabora para a grande resistência das instituições educacionais em implementar o Atendimento Educacional Especializado (AEE) para esse alunado; a comparação com alunos com deficiência cuja necessidade é mais “visível” em relação aqueles que “sobejam” em potencial, justificando assim a ausência de interesse e preocupação com esse público; a falta ou interrupção de financiamento aos programas especializados e ainda o preconceito e tradição enraizados no imaginário popular.

Segundo Bahiense e Rossetti (2014), quando se estuda a temática altas habilidades/superdotação percebe-se em primeiro lugar que o conceito de superdotação é construído socialmente, ou seja, a concepção de superdotação cultural vigente é condição para a identificação dessas pessoas.

Nesse sentido, as pessoas com altas habilidades/superdotação, outrora relacionadas unicamente a inteligência acima da média, limitadas a um estereótipo, além de rejeitadas quando não conseguiam se enquadrar nesse perfil, começaram a ser percebidas de forma mais ampla e heterogênea entre as décadas de 80 e 90, pois a visão dos sistemas culturais que as cercavam começou a mudar e a influenciar outras mudanças (Pereira, 2019).

Na atual conjuntura, percebe-se uma atenção maior para o desenvolvimento das pessoas identificadas ou com indicativos de altas habilidades intelectuais, independentemente de qual seja a inteligência e a área do conhecimento, visto que, hoje, os pesquisadores e a legislação brasileira destacam a necessidade da identificação com propósito explícito, realizada mediante um processo de longo prazo e não mais diagnosticada somente por escores elevados de Quociente de inteligência (QI).

Percebe-se isso na própria definição atual das altas habilidades/superdotação descrita na Política de Educação Especial: “Estudantes com altas habilidades/superdotação demonstram potencial elevado em qualquer uma das seguintes áreas, isoladas ou combinadas: intelectual, acadêmica, liderança, psicomotricidade e artes, além de apresentar grande criatividade, envolvimento na aprendizagem e realização de tarefas em áreas de seu interesse” (Ministério da Educação [MEC], 2008, p. 15).

No entanto, como conceito construído socialmente, a concepção de superdotação pode ser modificada com o passar do tempo, o que dificulta estabelecer uma definição universalmente aceita, fator responsável pela criação de mitos e concepções elitistas que atrasam ou limitam qualquer projeto ou trabalho voltado para essas pessoas, principalmente em

sala de aula (Bahense & Rossetti, 2014). Nesse ponto, pode-se destacar também a dificuldade em determinar a terminologia mais correta, devido a mudança cultural de lugar para lugar no que diz respeito a concepção da superdotação³.

Nesse contexto, questiona-se como a falta de conhecimento acerca das altas habilidades/superdotação colabora para a formação de percepções equivocadas sobre as pessoas com potencial acima da média, para a invisibilidade desse público e interfere no processo de inclusão de pessoas talentosas?

Ambicionou-se, dessa forma, investigar as percepções acerca das altas habilidades/superdotação de um grupo de docentes em potencial e a partir disso, analisar como essas diferentes perspectivas refletem a ausência ou não de conhecimento sobre a temática e se isso colabora ou não com a invisibilidade e a inclusão dessas pessoas nos espaços educacionais, sociais e profissionais.

O presente artigo está sistematizado em seções subsequentes que abordam a metodologia deste estudo, os dados coletados, a análise e discussão dos mesmos, e as considerações finais. Por fim, os resultados conquistados refletem a relevância da pesquisa ao explicitar como a produção do conhecimento se torna ainda mais significativa tendo em vista a potencialização que cada pessoa com altas habilidades/superdotação pode realizar em sociedade.

Contudo, o cenário atual se apresenta com significativa ausência de conhecimento de qualidade sobre a temática, o que prejudica a trajetória social, educacional e profissional da pessoa talentosa, mas também evidencia a necessidade e urgência de obter informações/conhecimento de qualidade para que o direito de todos seja respeitado.

MÉTODO

Na perspectiva de obter os esclarecimentos necessários à problemática propulsora desta pesquisa, que questiona como a falta de conhecimento acerca das altas habilidades/superdotação colabora para a formação de percepções equivocadas sobre as pessoas com potencial acima da média, para a invisibilidade desse público e interfere no processo de

³ Nesta pesquisa, optou-se pelo uso da terminologia Altas Habilidades/Superdotação (AH/SD) oficializada pelo Ministério de Educação e pela Política de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva de 2008, como dois termos sinônimos. Com o mesmo fim, utilizou-se outras terminologias como talento ou talentosos, superdotação, potencial, habilidade cognitiva acima da média, altas habilidades intelectuais.

inclusão social de pessoas talentosas, torna-se imprescindível a utilização de procedimentos metodológicos que busquem construir novos conhecimentos, concedendo confiabilidade aos resultados.

Dessa feita, quanto aos objetivos propostos, foi realizada uma pesquisa exploratória, descritiva com abordagem qualitativa (Gil, 2002), a partir do Parecer Consubstanciado do CEP/CONEP nº 4.284.219, aprovado no dia 17 de setembro de 2020. Na primeira fase, como traço estrutural da pesquisa exploratória, desenvolveu-se um levantamento bibliográfico acerca da temática em questão, mediante a consulta de material disponível ao acesso público no domínio da internet e em livros acadêmicos, periódicos e pesquisas afins.

Para a realização da segunda fase deste estudo (o levantamento das percepções dos participantes), participaram desta pesquisa 20 profissionais de áreas variadas, discentes de um programa de pós-graduação (mestrado interdisciplinar) em uma instituição de ensino superior pública, localizada na capital do estado do Maranhão, identificados neste estudo por P1, P2, P3 ... P20.

Dentre esses, treze são mulheres e sete, homens, com faixa etária entre 20 e 50 anos. Profissionais nas respectivas áreas: Direito, Administração, Serviço Social, Música, Filosofia e Letras, com níveis de formação: graduação, especialização, pós-graduação e mestrado. Sendo: dois professores; três advogados; dois assistentes sociais; dois psicólogos; dois servidores públicos; um funcionário público; um jornalista; um técnico em assuntos educacionais; um administrador; um turismólogo; um produtor cultural; três se identificaram apenas como estudantes no campo da profissão.

A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário, composto por oito perguntas: sete de múltipla escolha e uma de seleção, com possibilidade de resposta dissertativa em cada. O roteiro do questionário perpassa pontos acerca do conhecimento sobre a referida temática, fonte e classificação de nível desse conhecimento, convivência ou possibilidade de convivência com pessoas superdotadas, traços característicos dessas pessoas e dois questionamentos que indagam a necessidade do AEE e a inserção de pessoas com potencial acima da média em Políticas Públicas de Inclusão.

O referido procedimento deu-se, inicialmente, por meio de uma conversa prévia com os participantes para explicar os principais pontos da pesquisa e seus objetivos. À medida que foram confirmando a participação, o envio do questionário ocorreu via *e-mail* pelo *Google forms* e também pelo aplicativo *Whatsapp*.

Posteriormente, a análise de dados foi realizada por meio de leitura crítica das informações coletadas, pontuando os aspectos de maior relevância, por isso constitui-se como descritiva qualitativa (Denzin & Lincoln, 2006), pois visa detalhar as principais informações adquiridas no processo de coleta, de modo a subsidiar o desenvolvimento da pesquisa e alcance dos objetivos propostos.

RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS

Ao serem questionados **se conheciam a temática Altas Habilidades/Superdotação**, dentre os 20 participantes, 95% responderam que sim, e 5% sinalizaram não ter contato com a temática proposta. Em seguida, para aqueles que afirmaram ter conhecimento, foi solicitado que sinalizassem o **meio pelo qual o obtiveram**, sendo que deveriam escolher entre as opções: escola, instituição de ensino superior, ambiente de trabalho, mídias de comunicação e informação, e outros (opção aberta).

As respostas estão sistematizadas na Tabela 1. Em relação aos dados obtidos nos dois primeiros questionamentos, percebe-se, baseado em Gomes (2009), convergências no posicionamento dos participantes da pesquisa em relação as altas habilidades/superdotação, mas também, certa diversidade em determinadas repostas, o que evidencia um grupo heterogêneo colaborador neste estudo.

Acerca do posicionamento destes quanto ao conhecimento da temática em questão, a análise dos dados permite a conclusão de que a maioria dos participantes indica ter certo nível de conhecimento sobre altas habilidades/superdotação, adquirido por meio do contexto acadêmico, ambiente de trabalho, mídias de comunicação e informação e por meio de experiência profissional de familiar próximo.

Nesse ponto, ressalta-se que apenas um participante destacou a escola como meio de conhecimento sobre a temática, dado relevante e alarmante, uma vez que haja a reflexão sobre a falta de informação/conhecimento desde a base educacional acerca dessa realidade. Pois, se apenas no ensino superior há trocas de informação acerca das AH/SD, o que acontecerá com esse alunado durante esse tempo de “espera”? Como conhecer essa diversidade dentro de sala de aula se não há ensino sobre ela? Como um aluno talentoso pode entender suas peculiaridades como consequência de um potencial elevado que pode se transformar em desempenho extraordinário se não há troca de informações sobre elas no ambiente educativo?

Infere-se, portanto, a primeira condição para a invisibilidade desses alunos no contexto educacional: a ausência de troca de informação e conhecimento de qualidade sobre a temática. Assertiva que adquire ainda mais peso quando analisadas as respostas do terceiro questionamento, que solicitou aos participantes a classificação do **nível de conhecimento na área das Altas Habilidades/Superdotação**, mediante as alternativas dispostas na Tabela 2.

Segundo a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, a educação especial é transversal, ou seja, o AEE perpassa todos os níveis, etapas e modalidades de ensino. Dessa forma, garante aos discentes público-alvo dessa modalidade, atendimento especializado e inclusão durante toda a trajetória educacional (MEC, 2008).

Nesse sentido, a Política também objetiva cursos de formação continuada aos demais profissionais da educação e a participação da família e da comunidade para que a inclusão escolar seja de fato efetiva. Isto posto, explicita-se que a educação especial é uma modalidade que não compreende apenas alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, mas também todos os profissionais da educação, comunidade escolar e sociedade em geral.

Assim, as respostas do terceiro questionamento explicitam uma falha no sistema educacional no que diz respeito a inclusão de todos os alunos, pois o ambiente educacional de qualidade, segundo Mantoan (2003), prepara seus alunos para valorizar as diferenças mediante a convivência com seus pares, desde que essas diferenças sejam temáticas a serem discutidas, compreendidas e respeitadas em sala de aula.

Em outras palavras, não é um dado totalmente positivo, nesta pesquisa, os 95% dos participantes que afirmam ter conhecimento sobre a temática, pois entre esses, 50% classificam esse conhecimento como “pouco”. Além dos 20% que, mesmo inicialmente tendo afirmado conhecer, na classificação selecionaram “não ter conhecimento”. O que reflete a distorção ou a limitação da concepção de inclusão do sistema tradicional de educação.

De forma mais clara: é ineficaz propor a inclusão legalmente e torná-la uma integração na prática, na qual todos os alunos são colocados em uma mesma sala de aula sem que haja convivência e respeito pela diferença. É preciso ensinar o que é inclusão com base na convivência saudável, em projetos, em debates e em trocas de experiências entre os próprios alunos dentro da sala de aula, a fim de que se conheça de fato as diferentes realidades desde a mais tenra idade, para que esse conhecimento seja progressivo durante a trajetória educacional de cada um.

De outra forma, a invisibilidade também é causada por uma inclusão reducionista, engessada em ideias ultrapassadas e cristalizadas que dificultam o processo ensino-aprendizagem para todos, ainda mais quando pensa-se no modelo tradicional de ensino, fundamentado no paradigma meritocrático, elitista, condutista, capacitista e baseado na transmissão de conhecimento, independente se este for acessível ou não aos alunos (Mantoan, 2003).

Tal fragilidade, especificamente, no conhecimento acerca das altas habilidades/superdotação pôde ser acentuada a partir das respostas obtidas nas próximas perguntas. Sobre a quinta questão, **se já conviveram com pessoas com potencial superior**, 60% informaram que não; 35% sinalizaram que sim, no círculo de amigos e ambiente de trabalho, e apenas um registrou: “Não que eu tenha percebido. Desconfio que sim, mas não sei identificar com exatidão” (P2).

O sexto questionamento solicitou que elencassem **características de pessoas com Altas Habilidades/Superdotação**. Percebe-se um percentual relativamente alto de respostas atreladas as principais características do perfil da pessoa com potencial superior, como: 90% capacidade cognitiva acima da média, 40% desempenho notável nas áreas supervalorizadas academicamente (linguística e lógico-matemática) e o 50% comportamento do gênio como inerente ao desempenho do potencial acima da média.

O que pode ser contabilizado com um dado positivo, no entanto, essas características já cristalizadas na memória coletiva se tornaram, ao longo dos anos, uma limitação para a definição, manifestação e identificação do potencial superior, ou seja, são traços reducionistas, pois reduzem a pessoa talentosa a apenas um perfil ou estereótipo, impossibilitando o reconhecimento do talento que foge a esse padrão. Os resultados do sexto questionamento estão dispostos na Tabela 3.

Sobre isso, Renzulli (2004) destaca que o comportamento de superdotação pode apresentar esses traços, mas não de forma obrigatória em todos os indivíduos. Depreende-se da análise dos dados em questão, que a compreensão acerca da inteligência continua aprisionada a visão unidimensional dos altos escores de QI nas áreas mais valorizadas no ambiente educacional, pois ainda é a referência mais destacada para aqueles que possuem potencial superior, o que certamente exclui ou inibi a possibilidade de desempenho notável em outras áreas do conhecimento ou em outras formas de manifestação de desempenho das habilidades em questão.

Esse fato, por sua vez, colabora com a restrição, silenciamento e exclusão daqueles a quem Renzulli (2004) denomina como superdotados do tipo produtivo-criativo, pois raramente estes conseguem enquadrar-se no tradicional modelo de ensino aprendizagem, sendo quase impossível, dessa forma, atingir um bom rendimento escolar e ser reconhecido como uma pessoa talentosa. Geralmente, esses são os alunos que estão abaixo da média escolar, ou possuem uma falsa patologia que “ajuda” a justificar o comportamento fora do padrão (extremamente tímidos, ansiosos, tristes, agitados, que preferem o isolamento), ou fazem parte da taxa de evasão escolar/acadêmica.

Além disso, o traço da genialidade como inerente ao desempenho da pessoa superdotada, apontado por 50% dos participantes, é refutado pelas pesquisas da área. Pereira (2019) explica que nem toda pessoa identificada com altas habilidades/superdotação contribuirá de forma significativa para a sociedade a tal ponto de ser reconhecida como gênio. Por isso, o Conselho Brasileiro para Superdotação (2018) alerta: genialidade e superdotação não são sinônimas, apesar de aquela ser considerada por alguns pesquisadores da área como uma gradação da superdotação.

Ressalta-se, ainda nesta perspectiva, que os dados obtidos sobre as características *timidez e dificuldade de socialização* (45%), *alto nível de criatividade* (50%) e a *existência de ansiedade* (5%) refletem também um relativo avanço na percepção da pessoa talentosa, pois sinaliza que uma parte, mesmo que mínima, dos participantes considera traços para além da capacidade cognitiva acima da média. Esses traços “adicionais” se originam a partir de algumas das necessidades desses indivíduos que não são atendidas adequadamente.

Sobre a sexta questão, **se pessoas com Altas Habilidades/Superdotação necessitam de atendimento educacional especializado**, 55% dos participantes contestaram que sim; 25% pontuaram que sim, mas somente em casos de dupla excepcionalidade (AH/SD mais deficiência ou com Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH), ou com Transtorno do Espectro Autista (TEA)); 15% relataram que não, pois não há necessidade física ou psicológica nas pessoas com AH/SD e 5% informaram que não sabem responder, pois não possuem conhecimento adequado.

É significativo o percentual de 45% dos participantes que ainda desconsideram o oferecimento do AEE às pessoas com potencial elevado. Depreende-se da falsa crença de que esse público não precisa de ajuda para desenvolver seu potencial e também, porque aparentemente nada lhes falta, apenas sobeja. O que contraria claramente as necessidades

específicas desse alunado que perpassam os âmbitos da infraestrutura, de recursos, cognitivas (adaptação e enriquecimento do currículo), sociais e emocionais.

Na sétima questão: **você saberia conviver com uma pessoa com altas habilidades/superdotação?** 55% informaram que talvez, caso haja orientação de profissionais especializados no contexto social; 30% registraram apenas que sim; 10% sinalizaram que não e 5% disseram que não sabem responder, pois têm pouco conhecimento na área.

Nesse ponto, percebe-se que a maioria acredita ser relativamente difícil conviver com pessoas talentosas, o que projeta de certa forma o temor causado em grande parte entre os docentes informados de que terão um aluno talentoso em sua sala de aula, porque a realidade desse aluno desafia e abala os pilares tradicionais da educação. Também se analisa que aquilo que não se conhece, acaba por ser ignorado ou temido.

Por fim, foi questionado se **a pessoa com Altas Habilidades/Superdotação precisa estar inserida na Política de Educação Inclusiva**. As respostas sinalizam que para 60% dos participantes, as referidas pessoas precisam estar inseridas, sim; 35% registraram que somente em casos nos quais haja deficiência e/ou algum tipo de transtorno e 5% sinalizaram que não. Esses dados quando confrontados com os anteriores revelam certa confusão no entendimento do que de fato é a educação especial e seu objetivo como modalidade de ensino.

Destaca-se ainda, como dado positivo, o percentual de 55% que reconheceram a própria necessidade de orientação especializada sobre a temática, a fim de uma convivência que respeita as diferenças, dado que se torna ainda mais perceptível quando questionado sobre a necessidade do AEE para essas pessoas, visto que 40% dos participantes consideraram esse atendimento apenas para alunos em que aparentemente “faltam” alguma coisa e 5% não souberam responder essa questão.

Nesse sentido, ressalta-se que o ordenamento jurídico inclui pessoas com altas habilidades/superdotação ao público-alvo da Educação Especial e valida o oferecimento do AEE a esse público de forma transversal, pois esse atendimento assegura condições para acesso, permanência e saída exitosa em todos os níveis e modalidades de ensino, de forma a atender as necessidades educacionais específicas desses discentes que excedem nos aspectos cognitivos, ou seja, o AEE, nesse caso, suplementará a formação dos referidos alunos na área ou áreas do conhecimento de maior desempenho e buscará formas para contribuir nas áreas de maior dificuldade (Decreto nº 7.611/2011; MEC, 2008).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, objetivou-se investigar as percepções acerca das altas habilidades/superdotação de um grupo de 20 discentes de um mestrado interdisciplinar, que ao final do curso poderão exercer a carreira de docentes no ensino superior, por isso docentes em potencial. A partir de suas percepções, buscou-se analisar como essas diferentes perspectivas refletem a ausência ou não de conhecimento sobre a temática e se isso colabora ou não com a invisibilidade e a inclusão das pessoas superdotadas nos espaços educacionais, sociais e profissionais.

Assim, conclui-se a partir do levantamento bibliográfico realizado nesta pesquisa, que a definição de altas habilidades/superdotação vem sofrendo mudanças significativas em cada cultura e a cada momento histórico. Essas mudanças evidenciam o aspecto social da compreensão, definição e até mesmo da terminologia escolhida para identificar esse público, o que interfere diretamente na forma como a sociedade cria suas percepções e aceita/rejeita as pessoas talentosas.

No que diz respeito a terminologia correta da pessoa talentosa, Rangni e Costa (2011) reconhecem nos conflitos de termos, linguagens e expressões, barreiras que impedem o reconhecimento educacional desse alunado. Apesar da dificuldade do consenso no campo científico, o foco deve ser as pessoas com altas habilidades/superdotação e as ações educacionais especializadas que podem e devem ser desenvolvidas, e não apenas a preocupação em encontrar o rótulo que melhor se encaixa. Nesse sentido, evidencia-se que não há um preterimento das pesquisas nessa área, mas uma percepção de prioridades.

Percebe-se que a atenção e o trabalho desenvolvido com as pessoas com altas habilidades/superdotação em território nacional é significativamente recente, tendo em vista seu início ainda no século passado. No entanto, tal fato não se torna justificativa plausível para as lacunas e a lentidão no processo da efetivação das políticas públicas e na inclusão dessas pessoas nas instâncias sociais brasileiras, o que tem comprometido seriamente o processo inclusivo.

A partir desses dados, destaca-se que a inclusão não é apenas tornar viável a presença da diversidade em um mesmo ambiente, mas oportunizar o ensino, a troca de experiências e os instrumentos necessários para a comunidade acadêmica/geral e para o público-alvo da educação

especial, a fim de que todos possam aprender a conviver com a diversidade, construindo perspectivas próprias, embora fundamentadas em uma base de conhecimento de qualidade.

Essa visão é corroborada pela Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, cujo objetivo proposto visa atingir tanto o seu público-alvo (alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e *altas habilidades/superdotação*) quanto os profissionais da educação, a família e a comunidade como um todo, ou seja, a inclusão é um processo que envolve ativamente todos os atores sociais (MEC, 2008).

Nessa conjuntura, a partir da análise dos dados, percebe-se que as percepções sobre as pessoas com altas habilidades/superdotação refletem certa fragilidade no que diz respeito a compreensão, características e direitos legais desse público, pois, apesar de evidenciarem relativo nível de conhecimento, esse se revelou significativamente reduzido, o que origina a primeira condição da invisibilidade das pessoas talentosas: a ausência de conhecimento desde a base educacional.

Nesse ponto, ressalta-se que apenas um participante pontuou a escola como o ambiente no qual ocorreu o contato com as informações acerca das altas habilidades/superdotação. Dado relevante e preocupante, pois, segundo Mantoan (2003), é na escola, precisamente na sala de aula, que as pessoas devem aprender a conviver com a diversidade, por meio de debates, projetos e trocas de experiências.

Assim, entende-se que essa condição é um dos fatores responsáveis por tornar o processo de inclusão mais lento, limitado e reducionista, porque as pessoas não são ensinadas a reconhecer, valorizar e conviver com a diferença, mas a aceitá-la de qualquer maneira, o que ocasiona em teoria o processo de inclusão e na prática a integração, segunda razão para a invisibilidade das pessoas com potencial acima da média e fato que deturpa o processo de inclusão.

Como, geralmente, nada visível lhes falta, pelo contrário, sobejam em potencial cognitivo, sem um ensino ou orientação adequados, normalmente são negligenciados e tem seus direitos negados. Assim, silenciados e invisibilizados, mitos como o da autossuficiência, da raridade da superdotação no contexto atual e o estereótipo sacramentado no imaginário popular do dito gênio, se fortalecem e crescem como verdades, tornando ainda mais lento o processo de inclusão.

E nesse pressuposto, as confusões nas percepções e no olhar sobre essas pessoas geram uma espécie de temor, justificado pela ausência de conhecimento, como evidenciado nos dados

das entrevistas. Revelando assim uma das grandes causas dos problemas no País na implementação de medidas inclusivas: ausência de fundamentação teórica de qualidade, de promoção de conhecimento e divulgação deste as mais diversas camadas sociais.

Vale ressaltar que todos os vinte participantes desta pesquisa são discentes de um programa de mestrado interdisciplinar e que ao fim dessa formação poderão ingressar como docentes no ensino superior. O que atenua ainda mais a análise dos dados, pois são docentes em potencial que necessitam de um olhar mais sensível aos seus futuros discentes. Ratifica-se, então, o problema na base educacional, reconhecido por 55% dos participantes que determinaram a existência de necessidade de orientação especializada.

Portanto, os dados analisados tornam perceptíveis a necessidade de oportunidades de aprendizagem, não apenas para a pessoa com potencial elevado, mas para a comunidade que a cerca, pois é preciso sensibilizar o olhar da sociedade para esses talentos, para as suas necessidades específicas (cognitivas, emocionais, sociais), a fim de que sejam reconhecidos, valorizados e tenham seus direitos resguardados e respeitados.

Nesse sentido, Bahiense e Rossetti (2014) concluem que as dificuldades sociais, emocionais e cognitivas dessas pessoas devem ser levadas em consideração, pois colaboram para as situações de risco no seu desenvolvimento, como ambientes educacionais não preparados para atender suas necessidades educacionais específicas, famílias despreparadas para identificar, compreender e apoiar o desenvolvimento da criança/adolescente/jovem talentoso e o fato de continuamente a sociedade atual desperdiçar seus talentos mais promissores.

Compreende-se que a pesquisa na área das altas habilidades/superdotação é um desafio que não pode se tornar um obstáculo para a busca e promoção de conhecimento especializado para profissionais da área da educação, famílias e a comunidade em geral, tendo em vista a invisibilidade premente, a rejeição social e a ausência de inclusão na prática, devido à ausência de reconhecimento das potencialidades dessas pessoas, o que inviabiliza o acesso aos benefícios e direitos legais desse público em específico.

Sem oportunidades de conhecer as especificidades desse público, suas características, necessidades e possibilidades de desenvolvimento, o processo de identificação se torna inviável, principalmente no meio das instituições educacionais e organizacionais, que são consideradas por Ribeiro e Galvão (2018), o lócus por excelência do desenvolvimento e expressão das potencialidades humanas.

Entende-se que o processo de identificação/desenvolvimento se torna inviável, se a percepção acerca desse público não estiver fundamentada em uma base concreta de informações verdadeiras, além de uma perspectiva aberta e dimensional acerca da cognição humana. Do contrário, as percepções errôneas fundamentadas em mitos ou falsas crenças perdurarão no imaginário social, prejudicando a inclusão, o reconhecimento das altas habilidades intelectuais e assim, a própria pessoa talentosa, que pode nunca chegar a se reconhecer como tal.

REFERÊNCIAS

- Alencar, E. M. L. S., & Fleith, D. S. (2006). A atenção ao aluno que se destaca por um Potencial Superior. *Revista Educação Especial*, (27), 1-5. <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/4346>
- Bahiense, T. R. S., & Rossetti, C. B. (2014). Altas habilidades/superdotação no contexto escolar: percepções de professores e prática docente. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 20(2), 195-208. <https://doi.org/10.1590/S1413-65382014000200004>
- Conselho Brasileiro para Superdotação (2018). Gênio? Prodígio? Precoce? Afinal, o que significa o termo “superdotado”? *Conbrasd*. https://conbrasd.org/docs/3_info/informe_educativo.pdf.
- Costa, M. P. R., Massuda, M. B., & Rangni, R. A. (2016). *Altas de habilidades/superdotação: pesquisas e experiências para educadores*. Wak Editora.
- Costa, R., & Martino, N. (2013). Talentos desperdiçados. *Revista ISTOÉ*, Comportamento. https://istoe.com.br/267206_TALENTOS+DESPERDICADOS/
- Decreto nº 7.611, de 17 de novembro de 2011 (2011, 18 novembro). Dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências. *Diário Oficial da União*. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Decreto/D7611.htm
- Denzin, N. K., & Lincoln, Y. S. (2006). Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In N. K. Denzin., & Y. S. Lincoln (Eds.), *O planejamento da pesquisa qualitativa: Teorias e abordagens* (2ª Ed., pp.15-41). Artmed.
- Gil, A. C. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa*. (4ª ed.) Atlas.

- Gomes, R. (2009). Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In M. C. S. Minayo., & S. F. D. R. Gomes (Eds.), *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. (pp. 79-108). Vozes.
- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira [INEP]. (2022). *Censo da Educação Superior 2021: divulgação dos resultados*. Ministério da Educação/Inep. https://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2021/apresentacao_censo_da_educacao_superior_2021.pdf
- Mantoan, M. T. É. (2003). *Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?* Moderna.
- Ministério da Educação [MEC]. (2008). *Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva*. Ministério da Educação. <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeduc ESPECIAL.pdf>
- Oshima, F. Y. (2017). O Brasil desperdiça seus talentos. *Revista Época*. Vida. <https://epoca.globo.com/vida/noticia/2016/02/o-brasil-desperdica-seus-talentos.html>
- Paludo, K. I., Loos-Sant'Ana, H., & Sant'Ana-Loos, R. (2014). *Altas Habilidades/superdotação: identidade e resiliência*. Juará.
- Pereira, D. T. S. (2019). *O Contexto da inclusão de discentes com altas habilidades/superdotação na educação superior* [Trabalho de Conclusão de Curso não publicado]. Universidade Federal do Maranhão.
- Rangni, R. A., & Costa, M. P. R. (2011). Altas habilidades/superdotação: Entre termos e linguagens. *Revista Educação Especial*, 24(41), 467-482. <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/3056>
- Renzulli, J. (2004). O que é essa coisa chamada superdotação e como a desenvolvemos? Uma retrospectiva de vinte e cinco anos. *Revista Educação*, (1), 75-131. <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/375>
- Ribeiro, O. C., & Galvão, A. T. Expertise, criatividade e altas habilidades/superdotação: um estudo na busca de fronteiras. (2018). In A. Virgolim. (Ed.), *Altas habilidades/superdotação: processos criativos, afetivos e desenvolvimento de potenciais* (pp. 113-139). Juruá.
- Roitman, I. Não podemos desperdiçar nossos talentos: exclusivo. (2017, 22 de agosto). *Pensar a educação em Pauta*. <https://pensaraeducacao.com.br/pensaraeducacaoempauta/nao-podemos-desperdicar-nossos-talentos-exclusivo/>

Virgolim, A. (2019). *Altas habilidades/superdotação: um diálogo pedagógico urgente*. InterSaberes.

Tabela 1

Respostas referentes a 2ª questão: Em caso afirmativo, por qual meio você obteve esse conhecimento?

Participantes	Meio pelo qual obtiveram contato com a temática
40% (8)	Educação Superior
30% (6)	Mídias de Comunicação e Informação
15% (3)	Ambiente de Trabalho
5% (1)	Escola
5% (1)	Outros: “Minha irmã é pedagoga e trabalha com esses alunos.” (P15)
Total	95% (19)

Fonte: Elaborada pelos autores.

Tabela 2

Respostas referentes a 3ª questão: Como você classificaria seu nível de conhecimento sobre a temática Altas Habilidades/Superdotação?

Participantes	Nível de conhecimento sobre a temática
30% (6)	Tenho conhecimento sobre a temática (especialização ou formação acadêmica ou vivência com pessoas com altas habilidades/superdotação ou estudo por interesse sobre o tema)
50% (10)	Tenho pouco conhecimento sobre a temática
20% (4)	Não tenho conhecimento sobre a temática
Total	100% (20)

Fonte: Elaborada pelos autores.

Tabela 3*Características das Altas Habilidades/Superdotação*

Participantes	Características
90% (18)	Capacidade cognitiva acima da média
40% (8)	Desempenho notável nas áreas Linguística e Lógico-Matemática
0% (0)	Característica de uma pessoa com transtorno ou deficiência
50% (10)	Genialidade no desempenho escolar/ acadêmico/ profissional/ social
10% (2)	Motivação constante na realização das atividades educacionais
45% (9)	Timidez e dificuldade de socialização
40% (8)	Notável desempenho nas notas de avaliações e tarefas escolares/ acadêmicas
10% (2)	Extrovertido (a) com grande domínio discursivo
50% (10)	Alto nível de criatividade
5% (1)	Outros: “Presença de ansiedade.” (P3)

Fonte: Elaborada pelos autores.